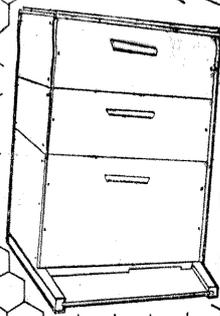


A Colméia



ANO 1º. — O JORNAL DE SANTA MARIA PARA TODO O BRASIL — Nº. 1

Jornal Técnico de Apicultura, Agricultura.
"Cultura e História"
Edição Mensal
Termo de depósito do registro Nº. 1078
Assinatura anual: Cr. 10,00

Proprietário, Diretor e Editor:
Bruno Schirmer
Santa Maria — 1.º de agosto de 1971
Rua Duque de Caxias 1295
Santa Maria, R. G. S. Brasil

EDITORIAL

« A COLMÉIA »
é o nome que escolhemos para este jornal.

Este jornalzinho nasceu da grande necessidade de difusão e defesa da nossa tão promissora apicultura.

Final nasceu, está aí, para ser o nosso guia, o nosso amigo e o nosso consultor em todas as horas.

Após muitas, lutas conseguimos o registro deste jornal, chamado «A Colméia».

Escrevemos o Editorial porém, por uma série de obstáculos e pedras no caminho, foi adiada a 1.ª Edição e hoje finalmente temos em nossas mãos o único jornal brasileiro técnico de apicultura.

Para evitar maiores gastos, compramos uma gráfica completa, de nossa exclusiva propriedade, modesta, porém honesta.

Considerando a completa decadência da apicultura brasileira, por motivos de absurdas experiências tentadas com irresponsabilidade, pelos cruzamentos inconvenientes de abelhas, principalmente com a africana, obrigamo-nos, nesta hora difícil, fundar este jornal.

Nós, com nossa experiência prática de 50 anos, com nossos estudos e experimentações de 35 anos contínuos, com nosso vasto arquivo, estaremos à disposição do povo brasileiro, divulgando e ensinando a apicultura.

Não é novidade, nem segredo que a apicultura contribui indiretamente com 60% da alimentação da população do mundo pela polinização. Da api-

cultura saem muitos subprodutos medicinais em grande escala, além do mel e da cêra.

A apicultura, esta grande incógnita, desconhecida, de tão grande parte da população mundial, que dá uma renda grande aos seus cultivadores, precisa ser redescoberta, precisa ser ensinada às nossas crianças nas escolas e aos nossos homens do campo.

Em geral, sabe-se que a abelha morde e isto dói, porém, não sabem que abelha ferroa com uma espécie de agulha, que injeta um remédio (quando moderado) na nossa pele, contra o reumatismo e muitas outras doenças. Sabe-se que a abelha faz mel, mas como e de quê ela o faz, poucos sabem.

Atualmente, com o extermínio de nossa abelha Cárnica Brasileira, pela bastarda africana, a nossa apicultura decaiu 90%. A nossa abelha foi testada por nós, desde 1940, e confirmado em nossas viagens de estudos de apicultura, pela Europa, Estados Unidos e Canadá, como sendo a melhor abelha do mundo.

Agora mesmo, nesta hora mais trágica de nossa apicultura, foi mais necessário do que nunca, que surgisse alguém conhecedor de fato dos problemas apícolas brasileiros, para o esclarecimento, convocando os nossos patricios, para redobrar as forças, para resistir à tentativa de destruição de nossa secular apicultura.

Em 1963, compramos uma completa maquinaria, para confecção de colméias e sem exagero, podemos afirmar, que te-

mos montada a melhor fábrica de colméias da América do Sul.

Uma colméia é o modelo e o símbolo da união e do trabalho, daí o nome do jornal ser «A Colméia».

Aqui repetiremos nossas próprias palavras, em uma ocasião: «Para ensinar apicultura, não perguntamos a que partido político; a que religião ou raça humana a que pertence, todos são alunos iguais e são bem-vindos. «Realmente, nossos cursos o demonstram, nunca se falou em partidos políticos, religiões, ou preconceitos raciais e foi muito bem e acertadamente por nós frizado, em um Encontro Alemão de Apicultura, que a apicultura une classes e povos.»

Isto foi provado na prática, no 21º Congresso das Entidades Apícolas, em Maryland, nos Estados Unidos, onde se reuniram 45 nações, membros da Apimondia, que viveram em fraternal concórdia uma semana inteira. Todos pareciam ligados por laços de antigas amizades, não havia fronteiras políticas, nem religiosas.

Nosso jornalzinho é neutro e autônomo não aceitará imposições, não trará polêmicas, nem notícias fora da apicultura, agricultura e notícias culturais.

Defenderá e difundirá a apicultura brasileira, mostrará os caminhos certos, baseados nas experiências vividas por nós mesmos e aprendidas com as maiores sumidades mundiais de apicultura.

Defenderá a vida associativa das Associações e Confederações.
(Continua na 2ª. Página)

Editorial

(Conclusão da 1ª Página)

ção. Hoje ele nasceu como um menino prodigioso e daqui há 25 anos, ele festejará seu jubileu de prata.

É nosso objetivo, que este jornal percorra este vasto território, ensine, convença nosos semelhantes que a moderna tecnologia aplicada é o futuro desta grande e generosa terra, que nós orgulhamos de pertencer. Cada um de nós deve dar um pouco de si, só assim realizaremos o milagre esperado. Quase tudo no mundo é recuperável, porém o néctar secado ao sol é irrecuperável, anualmente milhões de toneladas são perdidas, por falta de uma apicultura organizada.

O nosso jornalzinho dedicará muitas páginas ao setor epícola, florestamento e reflorestamento das vertentes ciliares, tendo como exemplo o município de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro.

Ao povo precisamos ensinar evoluir-se pelo próprio esforço, ensinando a moderna tecnologia aplicada, seja em que ramo de atividade for. De nossa parte já pudemos contribuir com uma pequena parcela, ensinando apicultura.

Temos uma página livre, na qual todo leitor poderá dizer, sob sua inteira responsabilidade de tudo o que quiser, dentro de uma ética, que não fira a neutralidade de «A Colméia».

Matéria anônima não será considerada, nem respondida.

Para a publicação, os autores poderão usar pseudônimos «registrados», com firma reconhecida. Convidamos todos os apicultores a colaborar conosco, comunicando-nos suas impressões, suas novidades e suas observações mais tarde poderemos premiar ou gratificar nosos colaboradores,

Não possuímos colaboradores fixos ou compromissados.

Conta-se em nossa história, que um dia foi perguntado ao Rui Barbosa: "— De onde o senhor sabe tanta coisa?" ao que ele respondeu: "— Perguntando e lendo".

Assim fizemos nós, viajamos para ver «in loco», visitamos para perguntar, ficamos sabendo da apicultura de todo o mundo, em contato pessoal, falando, perguntando, fazendo averiguações e comparações.

Em Maryland, perguntamos à pessoas representantes de diversos países como estava a apicultura em suas terras. Da Noruega a Austrália, da América ao Japão, ninguém escapou às nossas perguntas. As respostas dos representantes dos países bem desenvolvidos foram unânimes e satisfatórias e afirmaram que seus governos têm grande interesse no desenvolvimento da apicultura.

Porém, havia certas falhas em alguns países, com os cruzamentos de raças de abelhas. A abelha que predomina é a híbrida americana. Em Portugal obtivemos a melhor resposta, porque estavam satisfeitos com a abelha Pyrenaica, apesar que alguns tentam destruí-la, cruzando-a com abelha italiana.

As respostas mais tristes que recebemos foram da América do Sul, Central e das Ilhas do Caribe, que foram unânimes em dizer que seus governos não os ajudam.

Realmente, as maiores descobertas em apicultura começaram após o ano de 1945, o que verificamos em nossa viagem de estudos à Europa. Do 1º número em diante, registraremos nas publicações de «A Colméia» todas as teorias práticas aplicadas em moderna apicultura do mundo, vamos manter bem informado os apicultores e seus amigos, juntamente com os consumidores de mel.

Temos por base as palavras do Dr. Johannes Dzierzon, que dizia:

"Verdade, verdade sobre tudo no mundo, a mentira desvanece, a verdade porém permanece".

Que este jornal sirva de guia para todo brasileiro que queira deleitar-se com leitura sobre apicultura, que sirva de mestre a todos que queiram de uma maneira ou de outra dedicar-se a apicultura.

O Jornal «A Colméia» espera o apóio de todo o bom brasileiro.

Nas escolas os professores devem ler para os alunos, um ou mais artigos de cada edição. Enquanto não recebemos colaborações dos leitores, preencheremos estas páginas com assuntos próprios.

Por várias razões o empreendimento de hoje é uma tentativa de soerguer uma coisa destruída, porém a nossa fé, a nossa perseverança e a esperança não tem limites.

BRUNO SCHIRMER

Abelhas agressivas

Quando os portugueses e jesuítas espanhóis trouxeram as abelhas da Península Ibérica, para a América do Sul, logo exportaram mel, principalmente das Missões jesuíticas, como consta em documento da época.

Esta abelha Ibérica não é nada mais, nada menos do que a abelha Cárnica dos Bálcans que emigrara para a Península Ibérica.

Para fazer a comparação destas abelhas, trouxemos da Áustria a Cárnica legítima de Troisek; de Portugal a legítima abelha portuguesa, e comparei-as juntamente com a nossa Cárnica em 1966. Constatamos igualdade na penugem, na cor cinzenta, no tamanho, no comprimento dos pêlos e no índice cubital das asas. Concluímos, desde então, que estas três abelhas pertencem a uma mesma raça, à raça Cárnica.

Nos apiários onde as colhemos, as de Portugal eram mais agressivas, a nossa Cárnica Brasileira é mais mansa e pelas informações e produtividade, iguais, o que pudemos constatar "in loco".

Os italianistas acusavam a Cárnica Brasileira de menos produtividade, o que é uma acusação falsa. Em algum lugar, ela era menos produtiva, por falta de seleção, por causa da consanguinidade, de apiários rústicos onde nunca havia uma tecnologia aplicada, quem governava era a natureza.

Onde o nosso colono poderia ter aprendido a técnica da apicultura? Tudo era difícil: mel, e cêra havia, preço não, propaganda também não, ninguém sabia da polinização cruzada, ninguém sabia que precisava-se de abelhas e para quê.

As melancias, abóboras, pepinos, amendoim, girassol, alfafa, ameixa, maçã, laranja e todas frutas do mato necessitam de abelhas para que frutifiquem.

Pela natureza, nenhuma abelha apis é agressiva, somente é defensiva. Isto não ocorre com as abelhas mestiças, que todas mestiças são agressivas, por isso é inconveniente fazermos o cruzamento destas abelhas, ou seja, é uma temeridade fazer uma raça nova de abelhas por cruzamento de raças inconvenientes, como por exemplo, cruzar a abelha Ligística com a abelha Unicolor da África.

A abelha Adansonii do Kerr,
(Continua na 3ª. Página)

XXXIII Congresso da Apimondia

O 1º Congresso da Confederação Brasileira de Apicultura outorgou-me direito de representar o associativismo apícola brasileiro, perante o XXXIII Congresso de Apicultura, em Moscou, em agosto de 1971.

Por diversos motivos, sem justa causa, muito menos por minha culpa, esgotou-se o meu recurso financeiro de participar por minha conta no dito conclave.

Isto impossibilita-me de trazer do Velho Mundo, todas as novidades em apicultura, que não está escrito nos livros e revistas, que se deve ver de perto, falar e perguntar de viva voz, para aprender mais.

A gráfica e a organização de «A Colmeia» devoraram meus recursos disponíveis e não satisfeitos com isto, deixaram-me um saldo de déficit, que com minha proverbial perseverança, também vencerei.

Quem devia lamentar e a nossa apicultura, não eu.

Pessoalmente já estou realizando, já fiz o possível, já servi. Com pesar tive que verificar, que ninguém serve impunemente. O serviço, em futuro próximo ou remoto, sente-se humilhado porque teve de ser ajudado, então se vingará infalivelmente, juntando e inventando calúnias e mentiras contra seu beneficor.

Com todos estes acontecimentos, sinto-me inatacável, nada tenho à temer, tenho a convicção que os invejosos se esfacelarão, como uma onda do mar, numa rocha. A gigantesca onda vira simplesmente água.

Sabendo tudo isto, continuo servindo, servindo até o derradeiro fim. Assim seja.

O Diretor

PÁGINA DA DONA DE CASA

Prometi, quando fundei este jornal, que a dona de casa teria uma página para conselhos, consultas e receitas.

Hoje, no 1º número, nem sei por onde começar, pois há tanta coisa para dizer.

Primeiramente, eu sou dentista, por isso começo pela própria casa. Durante 44 anos protestei em vão, contra as mães carinhosas, que sempre se fazem acompanhar pelos filhos menores, cada vez que precisam ir ao dentista.

Sabe qual o resultado disso? A criança, ao ver a mãe levar um susto, neste momento recebe um choque de terror e medo do den-

tista, que a própria mãe lhe causou.

Quando tiver mais de um filho que necessitar ir ao dentista, leve sempre um de cada vez.

A mãe, muitas vezes, também acompanhada pelo marido, leva toda a turma de uma só vez. Sabe o que acontece? É certo que o primeiro leva um suso e geme. Quai é o dentista que tem nervos para atender o seu segundo filho, que faz os piores fiascos e nem abre mais a boca.

O dentista perde seu tempo ou cobra a hora que levou para convencer seu ruinho e a senhora diz depois que este dentista lhe cobrou um absurdo.

Nunca espere até que seu filho chore a noite inteira de dor de dentes, para levá-lo ao dentista.

Nunca aceite, nem ministre remédios ao seu ruino, porque a «comadre» recomendou. Para cada coisinha já existe um ou mais remédios, porém não existe um remédio para todas as coisinhas.

Portanto, sempre consulte um médico.

Lembremo-nos da Cárnica e do mel

Como é sabido e visto por todos, um enxame de abelhas africanas não para na colmeia. Quando apisonado, é e quer entrar sozinho na colmeia, toca ou pau ôco, escondido por ele mesmo, ou eleito no momento da captura.

Diz-se que estas trabalham mais e dão mais mel. Perguntamos: Onde está o mel? Onde estão as abelhas africanas que trabalham com o frio?

Nós constatamos que as abelhas africanas, na temperatura de 2°C morreram de frio em 1970.

A verdade é que sobrou das abelhas africanas, a italianizada, que veio da África e se reencontrou no Brasil com a abelha italiana, da mesma origem. Melhorou a produtividade da africana? Não.

A célebre abelha africana não produziu mais. Se assim fôsse teríamos o mel.

Temos em nossa lembrança, que antes da chegada da abelha africana o Sr. Lenhart Schirmer, da Casa do Mel, em Porto Alegre, colheu 43.000 kg de mel, no ano da chegada das africanas colheu 13.000 kg. no ano seguinte colheu 6.000 kg. mas neste ano colheu somente 3.000 kg.

As abelhas africanizadas morreram em grande quantidade no inverno de 1970. De apiários de 50

— 80 e mais colméias, morreram 80-90%; algumas, onde ainda existiam abelhas cárnicas nas redondezas para serem pilhadas, sobreviveram.

A abelha italiana, com uma certa hibridagem com a Cárnica resulta em aumento de produção, porém este produto híbrido vem imediatamente em declínio no cruzamento F2.

Tudo isto escrevemos pela experiência vivida.

Podemos afirmar com absoluta sinceridade, que desde meninos vivemos entre as abelhas, com 10 anos já fazíamos as próprias colméias. Agora, já faz 35 anos que nos dedicamos à apicultura, apaixonada e ininterruptamente, não como fonte de negócio, mas exclusivamente por amor à humanidade, como está fartamente comprovado.

Realmente, inventamos mais de 25 instrumentos apícolas, além da colmeia Schirmer. Viajamos por conta e risco quase toda a Europa, colhendo informações sobre colméias, principalmente sobre raças de abelhas e suas híbridas.

Informamos o que vimos de perto e não por ouvir dizer. Nos Estados Unidos e Canadá percorremos de ônibus muito mais de 6.000 km, visitando institutos de apicultura, fazendas apícolas e fábricas de apetrechos de apicultura, inclusive a maior do mundo, a Rooth & Company, em Ohio.

Com observador, tomamos conhecimento de tudo o que de certo se pratica em apicultura, nos países adiantados em desenvolvimento generalizado.

O que mais nos impressionou foi a apicultura «equilibrada» de Portugal, a hibridagem das abelhas da França, a não existência de abelha preta na Alemanha (hoje realmente extinta, com exceção somente na Suíça, em um único apiário).

Impressionou-nos mais, a abelha Cárnica, com suas várias tribos, sua mansidão, sua produtividade superior à qualquer outra abelha.

As principais tribos na Alemanha são conhecidas sob os nomes de Peschetz, Sklenar e Troisek e as três são iguais em qualidade.

Por que não trazemos estas experimentadas e aprovadas tribos para o Brasil?

Talvez esta tentativa poderia ser outra aventura, porque não sabemos o que sobrarão após a guerra de extermínio que a abelha africana está movendo à apicultura sul-americana.

Após esta constatação, podemos afirmar, qual a raça de abe-

(Continúa no proximo numero)

O MEL

Quando fala-se em mel, entende-se exclusivamente mel de abelha da espécie *Apis Mellifica*. Todo resto de dogura, produzido por outras abelhas: vespas, mangangavas e trigonas, não consideramos mel, não tem diastase, sempre tem mais de 25% de água, portanto sem valor alimentício e comercial, muito menos de exportação, apesar que muitos meliponicultores vendem todo produto como medicinal, por causa da grande acidez, que confundem com medicamento.

Não se discute a grande utilidade das meliponas na polinização geral.

Vejamos o que escreve o escritor Rudolph Jacobi, autor do Dicionário Lexicon do Apicultor, sobre o mel: «Quando o leigo fala dele, diz que a abelhas trazem mel, o apicultor sabe que não é bem assim. As abelhas coletam o néctar e o transformam em mel».

O descobridor desta sistemática moderna é o sueco Carl von Linné, cientista, biólogo, naturalista, botânico e pesquisador, nascido em 1707 e falecido em 1778. Criou para as plantas e espécies animais denominações latinas e escreveu um livro de botânica, descrevendo muitas espécies novas.

Linné também errou, quando denominou as abelhas de *Apis Mellifera*, o que quer dizer as carregadoras de mel. Seis anos após, ele reconheceu este erro, tratando então de corrigir o nome de *Apis Mellifera* para *Apis Mellifica*, que é produtora de mel.

A abelha carrega o néctar e deste ela produz mel, transformando-o pelo engrossamento do néctar coletado, com adições de substâncias das glândulas salivares, situadas na cabeça das abelhas. O engrossamento do néctar trazido de campos florescidos passa por complicado processo, pelo qual é retirado o excesso de água, ficando somente 20% de substância d'água, com a adição de valorosas substâncias glandulares das abelhas, nas quais certos fermentos tem apreciáveis importâncias.

Para o Dr. E. Albert Koch, a composição do mel é um trabalho instintivo de laboratório muito importante das abelhas.

O Dr. Enoch Zander demonstra em seu livro, editado juntamente com Karl Koch, livro de extraordinário valor «O MEL», uma fina definição do conceito do mel, dizendo que: «O mel não é uma simples mistura química de substâncias de certas propriedades físicas; porém, um produto, no qual as

abelhas copram um certo alento vital, que se desenvolve, amadurece e envelhece, como um verdadeiro ser vivo».

No código civil de muitos países, diz o seguinte: «Mel é uma substância doce, que é produzida exclusivamente pelas abelhas, através da coleta de essências neclariíferas das plantas e de outras substâncias doces de plantas vivas, enriquecido através de matérias próprias do corpo da abelha, que transforma estas doguras em mel. Armazena-no em favos de cera e lá o deixam amadurecer».

O mel é um produto de plantas, simultaneamente de abelhas. Com fundamento diz-se: por mel entende-se somente produto de abelhas; como abelhas, entra em consideração exclusivamente a espécie *Apis Mellifica*.

Em uma célebre reunião de apicultores, na cidade de Uim, na Alemanha, em 1926, o Prof. Dr. Enoch Zander fez uma conferência sobre o valor do mel para a alimentação humana.

Trazemos dois trechos desta conferência, que caracteriza o valor inestimável e insuperável do mel na alimentação.

O Dr. Zander disse com destaque: «No mel, a natureza presentou-nos com uma das mais preciosas dádivas, a qual consideramos como alimento, com seu ínfimo conteúdo de proteínas e a falta de gorduras, que por si não satisfaz plenamente as necessidades de uma alimentação completa. No mel encontramos uma riqueza em hidratos de carbono: 80%, especialmente em invertase: 65-75%, a qual é absorvida sem o pré-aparelho digestivo».

É imediatamente assimilado pelos órgãos digestivos, transformando a absorção de mel em um excelente combustível para calorías e trabalhos cujos ácidos fosfóricos, cálcicos e conteúdo de ferro, perfazem uma excelente formação óssea e sanguínea.

Sobretudo, porém, deve ser o mel considerado pelas suas substâncias aromáticas e estimulantes de seus ácidos e composições de fermentos, como um valoroso e inofensivo alimento que favorece extraordinariamente a ação digestiva de nossos intestinos.

Vejamos agora, o que diz o Prof. E. Koch sobre o mel. O Prof. Koch foi chefe do Kerkhoff-Instituts, em Bad Neuheim, na Alemanha, dedicou-se durante dezenas de anos às pesquisas do mel e seu significado para a saúde da humanidade. Nasceu em 1892 e faleceu em 1955, conseguiu no inverno de

1947-1948, o descobrimento de substâncias ativas no mel, o qual se chama na medicina «fator cholinérgico».

De acordo com a pequena obra do Prof. Dr. Koch «Valor Terapêutico do Mel», diz o autor, que se trata aqui do ponto de vista químico de um «ester-cholin», cujo efeito visível constitui o desenvolvimento da atividade do intestino, por isso se designou como hormônio de movimento do intestino.

Em todo caso, diz o Dr. Koch, o mel contém um hormônio que favorece o acúmulo de combustíveis, portanto, a disposição necessária, dá força aos órgãos para seu perfeito funcionamento.

O Dr. H. Duisberg, de Bremen, em seu discurso no XXIº Congresso de Apicultura, em Maryland, diz que o mel, como outros produtos naturais exerce certas influências sobre o corpo humano, as quais de forma nenhuma devia ser atribuída somente como adicional e certo que a maioria são baseados como um fomento para a saúde.

Aqui, deve-se entretanto, limitar os efeitos sobre a saúde. Nota-se o benefício, principalmente nas crianças, pessoas idosas e convalescentes. As pessoas de saúde e adultos nem tanto necessitam, portanto, está o mel, no círculo dos consumidores de muita importância.

Quais efeitos do mel poderiam ser de maior importância? É curto e certo que a maioria são baseados em substâncias que oriundam das abelhas.

O que é que tem de ver o mel com a «lua de Mel»?

Tem muito que ver, pois foi do mel que veio este nome. Uma lua são 28 dias, começa em uma lua cheia, e termina em outra lua cheia. Quando emocionados e felizes os noivos, após o casamento, não podiam conciliar o sono, era praxe tomar um copo de água com mel, bem doce, isto se repetia por muitos dias e noites, vindo daí o nome de «lua de mel».

Diz uma lenda:

Quando Alexandre, o Grande, faleceu de febre malária, puzeram o corpo em uma pipa cheia de mel. Assim o transportaram, numa longa viagem, sem deteriorar.

Os gregos conservavam frutas frescas, carne e peixe em mel. Eles o chamavam de «Manjar dos deuses».

Na Grécia, a apicultura era muito desenvolvida, sabe-se que já usavam favos móveis há 3.000 anos a. C., que se perdeu no tempo, até que foi redescoberto pelo suíço François Huber, e nós usamos novamente com proveito.

Índios tocavam Haydn e Haendel

Há muito tempo, os pesquisadores de músicas nos países americanos, se interessaram em constatar, em que ponto do continente se desenvolveu em primeiro lugar a vida musical moderna.

Quase nada sabemos da execução da música dos grandes povos das culturas antigas, antes do descobrimento da América.

Não podemos fazer idéia que espécie de vida musical havia no Reino dos Incas, dos Maias, dos Aztecas e dos Toltecas. Sabemos, portanto, que em toda parte, onde penetraram os brancos, guerreiros e sacerdotes, destruíram de comum acordo a cultura dos nativos, assim como costumam os conquistadores destruir a cultura, que é o nervo vital do povo conquistado.

De um sacerdote peruano, temos em seu diário, quantos instrumentos musicais ele podia descobrir, para demolí-los, pois acreditava realizar um serviço do agrado de Deus, destruindo-os.

Muito lentamente foi substituída a cultura musical dos povos indígenas pela música européia. O desenvolvimento musical começou na América do Norte, enquanto a América Latina estava ainda atrasada. Os primeiros concertos, no sentido contemporâneo foram realizados em Boston, no ano de 1732.

Emigrantes da Boêmia fundaram em Betlehem, uma associação musical no ano de 1741.

Em Charleston surgiu uma outra associação em 1762.

É interessante saber, que em 4 de janeiro de 1770, «O Messias» de Haendel, afamada peça Oratorium, foi executada pela primeira vez em New York, em função, principalmente, da existência de bons cânticos e de boas orquestras, mesmo quando não se foi tão exigente, naquela época, como costuma-se ser hoje em dia.

Naquele tempo ainda não havia quase nada de música nas cidades da América Latina. Havia órgãos em algumas grandes igrejas, como também alguns bons organistas, que se faziam ouvir fora dos cultos, porém, exclusivamente nos palácios dos vice-reis, que estavam em alguns pontos do continente, como Lima, México e mais tarde em Buenos Aires.

Havia, esporadicamente, aqui e acolá, realizações musicais no século XVII e XVIII, as quais eram executadas de modo muito primitivo em concertos, com poucos instrumentos, ou mesmo como apresentação de uma comédia musical.

As notas para estes concertos eram trazidas da metrópole, de Madri para a América espanhola e de Lisboa para a América portuguesa.

Ninguém se interessava para as melodias e os ritmos nos territórios habitados pelos índios. Naturalmente, tinham centros onde se musicava melhor. Assim, por exemplo, em Minas Gerais, que pelo ano de 1750 era uma rica região de mineração, atraía inúmeros artistas de toda espécie.

Também Potosi, na Bolívia, representava naquela época um centro de grande importância.

Digno de ser mencionado, não são as cidades, mas sim a paisagem, na qual hoje, ninguém mais pensa ou sabe, que ali era o ponto da verdadeira cultura, o que era formidável, onde hoje estão ostrés cantões dos países: Brasil, Argentina e Paraguai.

No alto Paraná, rio abaixo estavam naquela época as célebres Missões Jesuítas. Onde um punhado de sacerdotes europeus penetrou na mata virgem e conseguiu, sem emprêgo de força, fixar na terra, centenas de milhares de índios, incutindo-lhes agricultura e profissão, fundaram escolas, nas quais cada criança, no princípio também os adultos, podiam aprender a ler e escrever.

Nestas missões reinava um socialismo, não havia dinheiro, toda posse era de todos, principalmente da Igreja. Os homens viviam contentes e felizes, obedeciam e não tinham aspirações. Cultivavam ervamate, criavam abelhas produzindo mel e cêra e outros produtos agrícolas, que eles enviavam à Europa. Trabalhavam muito menos que seus irmãos nas colonias adjacentes, que eram escravos. Alegavam-se com leituras, com teatros, com esportes e com a música, que é motivo principal de nossa história.

Quando este estado índio foi destruído, por motivos políticos, acharam-se instrumentos de orquestras inteiras. Acharam-se arquivos com notas, que continham as obras mais modernas da Europa.

No meio da selva os índios tocavam Haendel, Haydn e autores italianos, seus contemporâneos. Tocavam suítes, overturas e sinfonias. E mais ainda: eles compunham, imprimiam suas músicas, em livros e notas, não só em espanhol, como também em sua própria língua indígena, a língua Guarani, que é ainda hoje falada.

Este estado admirável, que não se pode denominar de outra maneira, não foi de curta duração, como costumam ser certos experimentos

ASSOCIATIVISMO APÍCOLA

Por que Associações?

Uma associação de classe serve para aproximar as relações pessoais, entre muitos que exercem uma mesma atividade.

Faz-se reuniões semanais, quinzenais ou mensais, conforme a necessidade dos associados, porém em apicultura estas reuniões deveriam ser semanais.

Que nome deve-se dar à uma associação de apicultura?

Toda associação de classe, pela legislação brasileira vigente, deve ser sindicalizada, isto quer dizer que cada sócio, por lei deve contribuir para o Sindicato Rural, com a importância de uma diária do salário mínimo vigente no país.

Clube de Apicultura? Clube é uma associação recreativa, esportiva e para uma associação de apicultura, é muito difícil, por que é sério demais, para ser considerado «esportivo».

Procuramos adotar um nome legal e para isso, fundamos sob nosso patrocínio, a Associação Santamariense de Apicultura, a Federação das Associações de Apicultura e a Confederação Brasileira de Apicultura.

Numa associação de «apicultura» reúne-se tudo o que é útil em apicultura. Apicultores são exclusivamente os que se dedicam à exploração profissional das abelhas.

Apicultura reúne tudo e todos, desde o criador de abelhas, o escritor, o fabricante e produtor de objetos para uso em apicultura e inclusive os consumidores de mel, tudo isto pertence à palavra **apicultura**.

No próximo número, transcreveremos o Estatuto da Associação Santamariense de Apicultura, cuja «minuta» já foi solicitada por muitas associações.

O Diretor

COLMÉIA SCHIRMER

A Colméia Schirmer ganhou e ganhará sempre todas as competições com qualquer similares no mundo inteiro.

de importância. Durou 150 anos.

É lastimável que nossos filhos, nas escolas, não tomam conhecimento disso e a história pouco transmite.

MÉTODO PRÁTICO DE TROCAR A RAÇA DE ABELHAS EM NOSSO APIÁRIO

Com a africanização de nossa apicultura, não podemos permanecer mais tempo de boca fechada e os passos embargados pelos escribas apícolas e donos da apicultura, os quais estão justamente há 71 anos no timão e que por imperícia, fizeram naufragar a apicultura brasileira.

Estes inúteis escribas escrevem e afirmam que as abelhas africanas trabalham e produzem mais do que qualquer outra abelha.

Quando pergunta-se: onde está o mel, estes fracassados escribas não sabem responder.

Desde que surgiu o problema «abelhas africanas», recomendamos sempre que recebessem os enxames africanos com tochas de fogo ou água quente. Foi a avidez dos apicultores e dos leigos, que gostam de mel, que fez receber com carinho estes pestiais enxames africanos.

Para um principiante é difícil entender e executar sozinho trocar todas rainhas de uma só vez, sem ser preciso matar as rainhas velhas e sem comprar todas rainhas novas.

É isto justamente o que desejamos ensinar. Faz-se este trabalho, porque já o fizemos com eficiência em 1940, no tempo em que não sabíamos qual era a melhor raça de abelhas.

Com o número de hoje de «A Colméia», traremos futuramente um ou mais artigos de ensinamentos positivos sobre a troca de abelhas, de nossa autoria.

Neste artigo nos absteremos de mencionar qualquer coisa sobre abelha africana.

São os seguintes os processos para troca de raça de abelhas:

1.º) - Queremos trocar todas as rainhas para formar nova raça. Estamos em começo de setembro ou fins de agosto. Temos 50 colméias e nosso apiário preparado, de modo que não se crie zangões.

Procede-se da seguinte maneira: em cada colméia do apiário colocamos um caixilho vazio na incubadora, marcado na parte superior. O caixilho deve ser de madeira diferente da madeira que é feita a colméia, pelo menos na parte superior.

Este caixilho receberá somente uma tirinha de cêra laminada, com o máximo de 2

cm. O mesmo é colocado além do centro da colméia, para trazer e serve para que as abelhas concentrem neste favo toda sua vontade de fazer zangões.

De 15 em 15 dias revisa-se todas as colméias do apiário, cortando fora toda cria de zangões, que estará concentrada no «nosso favo». No preparar esta colméia para não criar zangões, devemos ter certeza que não haja outro lugar, onde possa criar os mesmos.

Com o corte dos favos de zangões nas 50 colméias, teremos em cada corte, um pouco mais de três quilos de cêra virgem.

Estes favos devem ser fervidos no mesmo dia da colheita, porque no dia seguinte os zangões estariam deteriorando a boa qualidade da cêra. Os zangões fervidos dão uma deliciosa refeição para as galinhas e porcos. Porém, o apicultor interessa-se na cêra, que não prestará mais, quando os zangões apodrecerem.

As colméias que não podem criar zangões nunca enxameiam. Este foi o primeiro passo para troca de rainhas deve-se continuar no mesmo caminho até ter todas colméias com rainhas novas, fecundadas, da raça nova.

2.º) - Compramos 5 rainhas novas, fecundadas, de preferência da tribo «Fonseca», caso não conseguirmos rainhas Cárnicas.

Aquí, vamos abrir um parêntese, para falarmos um pouco sobre Francisco Cardoso da Fonseca, o mais célebre e mais evoluído criador de rainhas do Brasil. Você já ouviu falar sobre ele? Creio que não. Conheço-o pessoalmente e de muito perto. Ele possui a melhor tribo de abelhas do Brasil, atualmente, a abelha italiana «áurea», vinda dos Estados Unidos em 1928, purificada e conservada pelo próprio Sr. Fonseca. Nas minhas competições, esta abelha quase igualou a Cárnica. perdeu a competição anual, por 2 quilos de mel, por colméia, em 1940.

Continuando no 2.º passo, preparemos a colméia para enxertia. Devemos escolher 5 das melhores colméias do apiário (não podemos durante este serviço, visar colheitas de mel destas colméias).

Tomamos a primeira colméia

às 8,30 horas da manhã, tiramos desta um favo de cria operculada, com abelhas aderentes e colocamos este em um núcleo ou numa colméia.

Antes de colocar este favo no núcleo, devemos pôr um favo vazio na frente deste e mais outros favos vazios ou lâminas alveoladas inteiras atrás do mesmo.

Retiramos a colméia do lugar e colocamos o núcleo ou uma colméia com este favo no seu lugar; a colméia que retiramos colocamos em outro «andaime», previamente preparado para este fim.

Repete-se a mesma tarefa nas outras colméias. Marca-se cada núcleo com o n.º da colméia. O serviço é rápido e um apicultor prático o faz em meia hora.

O fumigador deve ser empregado com moderação e de longe, nunca fazer fumaça diretamente sobre os favos.

As abelhas campeiras, de volta do campo, irão todas ao lugar onde estava a sua colméia e se unirão ao núcleo. Os núcleos estão marcados com os números das colméias, assim não há perigo de trocas de rainhas, o que seria fatal.

As 14,00 ou 15,00 horas procura-se a rainha, que agora é mais fácil de achar, porque já não há abelhas campeiras e de vôos ensaiados nesta colméia.

Encontrada a rainha, leva-se esta junto com o favo e coloca-os atrás do favo de cria com uma boa porção de abelhas novas, que amamentarão a cria aberta que existir.

A rainha continuará pondo ovos e as abelhas campeiras trarão néctar e pólen em abundância.

No dia seguinte, às 8,00 horas da manhã enxerta-se as rainhas compradas nas colméias orfãs, o enxerto é mais simples do que nas colméias comuns; hoje já se enxerta com a própria gaiola de transporte.

Abre-se o tampão, que está numa cabeceira da gaiolinha, antes que a rainha possa sair, espeta-se com um canivete um pedaço de favo de mel e entope a saída com mel e cêra do favo, não muito solto e nem muito socado.

Coloca-se assim, a gaiola na colméia e deixa-se três dias sem abri-la, com as rainhas enxertadas.

Após o terceiro dia examina-se tôdas as colméias (5), para certificar-se, se tem postura. Tendo sido visto muitos ovos a rainha está presente. Então não a procure e feche logo esta colméia.

Quando se enxerta uma rainha em uma colméia que tem abelhas campeiras, é preciso encerrar a rainha enxertada, durante três dias. Abre-se a gaiola e entope a abertura com mel e cêra, deixa-se mais três dias sem abrir esta colméia e após os últimos três dias passados, pode-se dar uma ligeira olhada, mais nada.

Assim como se enxerta a primeira rainha, enxerta-se tôdas as outras.

3.º passo — Em quatro destas colméias de rainhas novas, desde o dia do enxerto colocamos os dois caixilhos com tiras de lâminas alveoladas de 4 cm. (mais ou menos), para que possam criar bastante zangões. Uma das cinco colméias, que é a colméia materna, escolhida entre estas, não terá nenhuma cria de zangões, para evitar o acasalamento entre meio irmãos. Esta também deve se tratar como as 50 outras, que serão enxertadas.

Cuida-se o nascimento dos primeiros zangões, verifica-se se a quantia é suficiente, esta parte se conhece pelo favo de cria dos zangões. Tão logo que comecem a nascer os primeiros zangões, (não espere que estes ensaiem vôo), prepara-se um caixilho munido de lâmina alveolada nova, retira-se um favo da colméia mãe da frente ou do fundo, ordena-se os favos novamente, de modo à ficar a lâmina vazia bem no centro do ninho.

Escolheu-se com antecedência, uma colméia forte, não agressiva, das 50 colméias comuns do nosso apiário. Retira-se a rainha, com 2 favos de cria nascente e pouco de cria branca.

Ordena-se o ninho e coloca os dois caixilhos faltantes nas extremidades, com lâminas alveoladas inteiras. Com os dois caixilhos, a rainha e as abelhas aderentes, forma-se um núcleo que posteriormente pode-se vender.

Deixa-se esta colméia e também a colméia mãe, durante 6 dias, sem revisar. No 6.º dia chegou a hora de enxertar as larvas nas celas artificiais. Uma enxertia de larvas, neste caso, deve ser praticada somente por prático competente, não é hora

para aprendizado sem mestre.

Como fazer para conseguir larvas para enxerto? É antiquado e demorado, procurar na hora do enxerto, um favo de cria com larvas apropriadas. Escolhe-se uma colméia mãe 6 dias antes do enxerto, retira-se um caixilho qualquer do ninho desta colméia, arreda-se os caixilhos até chegar ao centro do ninho da cria.

Lá coloca-se um caixilho com lâmina alveolada inteira. É sabido que este favo será prontamente construído e enchido com postura, que em 5 dias estará no ponto maduro para o enxerto de larvas. Por isto fixou-se 6 dias para utilização deste favo.

Às vezes, quando a rainha tem muita expansão na colméia, pode ser que este favo esteja no ponto culminante, recém no 7.º dia.

Já tem acontecido, em apiários que uma rainha completou a postura deste favo, dos dois lados, em apenas 24 horas. Neste caso, em 4 dias é o tempo certo para o enxerto.

Geralmente leva 3 dias até a reconstrução e postura num favo destes, o olho do apicultor é muito importante, porque é o melhor fiscal. Pode acontecer que, influenciado por diversas circunstâncias, não coincidir com o dia aqui marcado, de 5 à 7 dias.

Escolhe-se as larvas de um até dois dias de idade, para enxerto de rainhas, porque nos dois primeiros dias, a larvinha é alimentada com a composição de geléia real. A larva que fôr alimentada com geléia comum, por um dia, dará uma rainha de segunda qualidade.

Nossa aula de hoje tem a finalidade especial de ensinar a qualquer leigo em apicultura, como melhorar seu apiário, com eficiência, mudando toda raça de suas abelhas, de uma só vez.

O mesmo trabalho para seleção dentro da própria raça, se faz sempre que tem colméias menos produtivas, nas quais as rainhas deviam ser prontamente substituídas por novas, criadas por seleção dirigida.

Sabe-se que as colméias menos produtivas se reproduzem mais do que uma colméia excelente ou produtiva. Por isto, o apicultor progressista procura sempre melhorar.

Agora estamos revisando a colméia criadora e orfã há 7 dias, deverá haver uma porção de realeiras puxadas pelas abe-

lhas, no desespero da orfandade.

Corta-se tôdas estas realeiras, fazendo um minucioso exame em todos os caixilhos. Não deve e nem pode ficar uma só realeira sem cortar. Com a geléia real, das realeiras não operculadas, faz-se um lastro nas celas artificiais, em número, digamos de 100; provavelmente, em colméia forte aceitarão pelo menos 50.

Enxerta-se larvas de um dia, de preferência, no máximo de 2 dias, uma larva mais velha não dá boa rainha.

Muitos industriais apícolas, frequentemente utilizam larvas de 3 dias ou mais; as larvas maiores às vezes, são aceitas com mais facilidade, mas nós queremos qualidade e não quantidade. Os ovos também podem ser enxertados, porém deixaremos isto para os profissionais e ensinaremos este método no livro «Criação Industrial de Rainhas», que brevemente será lançado e editado pela «A Colméia».

O aparelho de enxerto, o mais moderno, compramos na Alemanha, em 1966, mas em 1944 já usávamos o mesmo aparelho como nossa invenção.

O aparelho de fazer as celas artificiais é uma madeira de cedro roliço, com 9m/m de diâmetro, um pouco afinado na ponta, para que o chapéu de cêra (cela artificial) possa desprender-se com mais facilidade. O aparelho de enxertar tem numa extremidade uma pequena espátula (colherzinha) de 4m/m de diâmetro, na outra extremidade tem uma espátula com 1,5m/m de largura, bem flexível e afiada na ponta, dobrada em ângulo quase reto, que forma uma espécie de gancho de 2m/m de comprimento, que serve para içar a jovem larva de sua cela, sem feri-la e levá-la à realeira artificial ou natural, largar dentro de realeira a espátula com a larvinha.

Com um puxa-ré a larva fica intata sobre a geléia real. Este trabalho deve ser feito em ambiente morno, sem vento nem sol direto e em ambiente fechado perto de uma janela.

O enxerto deve ser feito o mais rápido possível para a geléia real não oxidar, em contato com o ar livre.

Não se pode fumar durante este trabalho, nem deve ter perfumes no ambiente.

Em 3 dias faz-se uma revisão

(Cont. na página 8)

PARADOXOS

Por gentileza da Senhorita Eva Englert, mestriça apícola, de Celle, Alemanha, recebi (por intermédio do Colis Posteau) uma grande coleção de revistas apícolas, 60 exemplares e uma coleção encadernada.

Haja tempo, para ler e estudar tudo isto!

O pouco que pude ler e revisar transportou-me em espírito à Alemanha, para reviver dias felizes, em contato pessoal com os cientistas.

Leio agora nestas revistas, os grandes avanços em apicultura desta última década. Ao mesmo tempo fico muito triste, quando me lembro da nossa pobre apicultura, tão maltratada e assassinada pelos nossos «donos da apicultura e escribas apícolas», que em relatório, mentem que vai jorrar mel do Oiapoo ao Chuí.

Dem Freulein Eva Englert meinem Herzlichsten dank, gott gebe Ihnen alles doppelt wieder.

O Diretor

Conclusão da pág. na 7)

para ver quantas realeiras pegaram. Se fôr 50% é um grande número, houve quem já conseguiu 85%. Se conseguirmos 50% realeiras à eclodir em 11 dias, mais ou menos à contar do dia do enxerto.

Decorrido 9 dias, do dia do enxerto, prepara-se as colmeias que receberão as realeiras. Se desejarmos aumentar o apiário, então procedemos como segue: Tiramos de cada colméia 3 ou 4 favos ou caixilhos, colocamos estes caixilhos com as abelhas aderentes em um núcleo, naturalmente com a rainha, procurando-se até encontrá-la. O apicultor prático tem diversas maneiras de achá-la.

O núcleo está com o alvado fechado e na tampa há uma tela para ventilação. Estando os favos, as abelhas e a rainha no núcleo, fecha-se este com pregos. Procedo-se assim com todas as colmeias.

Isto, estando feito, tendo decorrido 5 horas do preparo da 1.ª colméia, então começa-se o enxerto das realeiras. Não conseguindo fazer este serviço numa manhã, faz-se o resto na manhã seguinte. Procurar rainhas sempre é demorado.

As realeiras devem ser enxertadas nas colmeias ou nos núcleos, sempre 5 horas após a retirada das rainhas. Neste começo no tempo, todas as abelhas já se deram conta da sua orfandade.

Uma Viagem Importante

Há poucos dias, datilografei para o Sr. Bruno Schürmer, um trabalho seu, que é um relato de sua viagem de estudos à Europa, onde ê narra as maravilhas por êle vividas,

O Sr. Br uno descreve minuciosamente, com detalhes pormenorizados, sua viagem, desde sua saída de Santa Maria, no dia 24 de julho de 1966, até seu regresso da Europa, no dia 13 de setembro do mesmo ano.

Esta viagem que tinha finalidade apícolas, foi também aproveitada como turismo e para fins históricos.

É um trabalho muito interessante e creio que muitas pessoas que o lerem, além de satisfazer suas curiosidades, tirarão bastante proveito de sua leitura.

Como já disse anteriormente, a narração é feita minuciosamente e rica em detalhes, o que facilita a leitura, tanto para môços como para velhos, que queiram ampliar seus conhecimentos gerais. Sua maneira de descrever e explicar o que viu e o que sentiu em sua viagem, faz-nos conhecer, embora involuntariamente, os lugares por onde passou,

Solicito aos leitores que escrevam para a redação do Jornal se desejam ver publicada esta viagem em capítulos.

Para aguçar a curiosidade de alguns leitores, vou transcrever aqui, algumas passagens importantes:

"Nas cercanias do Equador o avião caiu num buraco e as turbinas fizeram um barulho estranho"...

"Tinha muito mais negros e mulatos do que em Porto Alegre, perguntava-lhes alguma coisa em brasileiro, êles não sabiam responderme"...

"Fomos ao Castelo, onde existiu o célebre e gigantesco barril de vinho, de carvalho, com capacidade para 221.726 litros"...

"A secretária perguntou-me se a Capital do Brasil era Pernambuco, que dinheiro circulava, se era peseta, se existe muita caçada ao índio e como ia o "Belle" (Pelé) que era o único brasileiro que se ouvira falar"...

"Fomos ver a fábrica de colmeias. Seja dito de passagem, que a maioria dos Institutos Apícolas tem uma bem montada fábrica de colmeias, com o fim de ensinar aos alunos a fabricação das mesmas"...

Temos também passagens importantes, como do Alto Reno, Travessia dos Alpes, visita à Suíça, Lago de Constança, etc.

Assim, vimos alguns trechos, que dão-nos uma idéia da importância que pôde nos trazer a leitura desta viagem de estudos, do Prof. Schürmer.

DELZA R. F.

Abelhas agressivas

(Conclusão da 2ª. Página)

é uma mestiçagem deste cruzamento inconveniente, da italiana com a Capensis, que até na África chamam de Adansonii, que de Adansonii só tem o nome; na verdade a abelha Adansonii, não é nada mais do que a Apis Sachariensis, em estado de pureza, segundo o Prof. Dr. Gottfried Götze, em seu livro "A melhor Abelha".

Tôda a correspondência recebida da África, informa por unanimidade, que após a introdução da abelha italiana na África Central é que se formou esta abelha maldita, que arrassou com a apicultura brasileira, exterminou com a nossa abelha Cárnica brasileira e incorporou a abelha italiana do Brasil. Esta chamam hoje de abelha africanizada põe todo o Brasil em perigo.

Tememos ainda maior decadência da apicultura brasileira, devido à doença importada com a abelha africana, que neste ano exterminou no Rio Grande do Sul 90% de nossas colmeias e a colheita de mel em muitas zonas chegou a zero.

A apicultura brasileira vai se soerguer novamente, quando e como, não sabemos responder, sabemos que vai surgir dos escombros, uma nova apicultura, com um chefe que saiba o que falta e como suprimir o erro do passado. Mãos à obra, cada um deve ajudar um pouco, ninguém deve esperar que o outro o faça, precisamos conjugar esforços, cada informação, cada consulta já é uma maneira de ajudar.

Nosso jornal precisa saber tudo o que acontece com as abelhas em diferentes regiões, se ainda passam muitos enxames, se ainda existe alguma abelha Cárnica que a africana não exterminou, se a abelha bastarda é de maior tamanho. Devem mandar dizer quantas celas tem em 10 cm de favo, medido pelas duas direções do favo natural. A abelha maior é a italiana e a menor é a africana.

Deve ser examinado minuciosamente se tem larvas mortas nas celas e em quantas colmeias. Isto é para constatar em que proporção a "loque" está grassando em nosso apiário. Antes da chegada da abelha africana, nunca vimos a "loque", porém, em 1970 esta "loque" exterminou nossos apiários, apesar do tratamento com terramicina.

"A COLMÉIA"

Temos, finalmente em nossa frente, o jornal de divulgação apícola, histórico e cultural: «A Colméia». Para isso, vencemos inúmeros obstáculos.

Espero que o mesmo tenha aceitação por parte do povo brasileiro.

O 1º número está cheio de erros gráficos, parte por vício na revisão, porque o escritor não pode revisar sua escrita.

O til no a e certos acentos nas letras maiúsculas, reside nos defeitos de fabricação dos tipos. Na palavra «Apresentação», na última página, mudei a letra ã cinco vezes, até que recorri à uma fonte antiga e nas últimas mil folhas o til resistiu.

Portanto, caro leitor, seja benigno no julgamento, não julgue o Diretor Proprietário, «incapaz», por encontrar erros involuntários. Prometo nos seguintes números, melhorar em muito a redação e a revisão.

Comprei uma gráfica, para editar o «nosso» jornal; no princípio pensei que sozinho poderia imprimir uma tiragem inicial de 5 mil exemplares por mês. Nunca tinha visto uma tipografia por dentro, minha consciência do conhecimento de apicultura, que jamais é suficiente para «redigir e fazer sozinho um jornal apícola».

Tive que aprender a ser tipógrafo, impressor e mecânico da máquina. Enfim, o jornal saiu e está

em suas mãos.

Aceito sugestões de qualquer leitor, porém peço que não façam elogios apenas para serem agradáveis.

Quero externar minha gratidão ao Sr. Gabriel Simões, tipógrafo aposentado, que me ensinou a arte tipográfica, voluntariamente, sem visar remuneração, preciso também estender minha gratidão aos dois impressores, senhores Camilo Licínio e Herotildes Pereira, estes também aposentados. Que deus lhes retribua em dobro, todo o benefício que me fizeram para melhorar «A Colméia». Aos três professores, o meu muito obrigado.

A primeira tiragem de «A Colméia» é de 6 mil exemplares, mais 250 em papel sulfite. Isto é, a rigor são 162 quilos de papel impresso nos dois lados; é pouco, porém para começar, é muito.

Terei mil assinantes?

Uma coisa está certa, 6 mil exemplares serão impressos mensalmente, durante um ano.

O assinante que pagar sua assinatura anual, receberá os 12 números por Cr\$ 10,00, independente de déficit. A matéria já está escrita, o papel estocado, o que não falta, é ânimo e decisão de lutar até vencer, ou perecer gloriosamente.

Juro, que se tiver 10 mil assinantes, que é um número ínfimo para uma grande nação, este jornal vai ser editado, sem aumentar o preço duas vezes, por mês.

Diversos colaboradores alemães já me franquearam ajuda literária científica. Colaboradores nacionais,

espero que se apresentem voluntários, todos serão acolhidos.

Para facilitar, resolvemos imprimir o recibo em três vias, ao pé deste artigo, para que os assinantes destaques modo 1º número.

Escreva bem legível seus nomes e endereços completos, vão a um Banco e depositem por cada assinatura anual Cr\$ 10,00, de preferência no Banco do Brasil, União de Bancos Brasileiros, Banco BRDESCO e em lugares onde não há agência destes Bancos, podem enviar pelo Correio, como valor declarado. Juntando o recibo com o endereço certo, na volta do Correio receberão os números pedidos de assinaturas.

No estrangeiro, as assinaturas devem ser pagas pelo Firts National City Bank, preço US Dollar 2,50.

O recibo é feito em três vias: uma fica no Banco, uma fica com o assinante e a terceira via será mandada ao Editor.

Os recibos só terão valor com a rubrica e o carimbo automático do respectivo Banco ou do Proprietário Editor.

Em caso muito restito, o recibo terá valor, com a assinatura de pessoa credenciada, com a carteira de identidade, com firmas reconhecidas. Os recibos que não corresponderem às condições acima mencionadas serão considerados frios.

Bruno Schirmer

Santa Maria, 28 de julho de 1971.

A "Colméia", jornal mensal 12 páginas

Cr\$ 10,00

RECIBO

1a. Via

Recebemos do Sr.

Rua

Cidade

A quantia de dez cruzeiros, para fornecimento de uma assinatura anual de «A Colméia»,

97.100 Santa Maria — Cx. Postal 472 — RS. — Brasil

Assinatura do Banco

ou procurador

A "Colméia", jornal Mensal, 12 páginas

2a. Via RECIBO — Cr\$ 10,00 — Letra legível

Recebemos do Sr.

Rua

Cidade

A quantia de dez cruzeiros para fornecimento de uma assinatura anual de «A Colméia»

97.100 Santa Maria — Cx. Postal, 472 — RS. Brasil

Assinatura do Banco

ou do procurador

A "Colméia", jornal mensal 12 páginas

3a. Via — RECIBO — Cr\$ 10,00 Letra legível

Recebemos do Sr.

Rua

Cidade

A quantia de dez cruzeiros, para fornecimento de uma

assinatura anual de «A Colméia»

97.100 Santa Maria — Cx. Postal 472 — RS Brasil.

Assinatura do Banco

ou do procurador

Análises de Mel e Pólen

Não podemos deixar de referir-nos, especialmente, ao Niedersächsisches Landesinstitut für Bienenforschung und bienenwirtschaftliche Betriebslehre, de Celle, no

A Cera da Abelha Africana

(Conclusão da página 11)

Recebi a análise, porém, falta espaço para descrevê-la completamente. Primariamente foi deluída em benzol e centrifugada.

Formaram-se três camadas: a superior de cera normal, a do meio de cera acinzentada e a inferior é formada de uma matéria preta grossa. O exame microscópico revelou a presença de inúmeros esporos e esta massa preta é parecida com lodo.

Para ser mais preciso, recebi pelo Colis Posteau, a chapa do exame microscópico, das três camadas, cera e sedimento, juntamente com as três camadas em separado.

Recebi uma chocante notícia de Celle, que na noite de 25 de maio passado foi arrombado o Museu Histórico de Apicultura, do Niedersächsisches Institut für Bienenforschung e de lá furtados os três valiosos e únicos machadinhos, chamados «Lüneburger Imkerbeil», forjados de ferro antes da era Cristã.

Quem poderia ser o alemão que cometeu tal ato de vandalismo?

NOTA: Este machadinho foi mencionado no relatório de viagem que fiz à Europa.

estado de Hanover.

31 Ceile é uma cidade secular do Ducado, banhada pelo rio Aller, onde, em 1806, Napoleão Bonaparte tinha o seu «Quartel General». Lá ainda existe, cultivado pela municipalidade, o jardim francês, onde está situado o Instituto de Apicultura.

Dos sete institutos de pesquisas apícolas, que visitei na Alemanha, em 1966, este foi o que mais me impressionou e mais me atraiu. Primeiramente pelo dinâmico chefe, Dr. Walter Kaeser, que me disse que provavelmente eu não encontraria a abelha preta na Alemanha.

O Dr. Kaeser pediu-me que enviasse coleções de pólen e amostras de mel, onde pudéssemos obtê-los.

Mandei pólen, 50 amostras de mel brasileiro, inclusive duas amostras de mel de meliponas.

Após ter enviado a primeira amostra de mel e pólen, recebi as análises, com o comentário da laboratorista, Senhorita Elida Focke. Desde então, mantenho uma vasta correspondência científica com a estrêla de primeira grandeza do mundo apícola, em análises e conhecimento de pólen.

É assim que estou sempre bem informado sobre o mel de quase todo o mundo e que o mais rico em variedades de pólen é o brasileiro.

Em espírito, vejo hoje, ainda

bem claro em minha frente, o Dr. Kaeser. Auxiliado por um operário, êle plainava tábuas para o fabrico de colméias, suava no meio da poeira e o suor escorria-lhe pela face. Este serviço para mim não era novidade.

Agradeço ao ilustre Dr. Walter Kaeser as muitas gentilezas que recebi, inclusive o presente de uma colméia de falha, o legítimo «Lüneburger Stülper», que estava mais de dois anos em exposição permanente, na Casa do Mel, em Pôrto Alegre.

A Senhorita Elida Focke agradeço seu incansável esforço em análises de mel e enviar de presente livros e muitas revistas de apicultura, inclusive uma assinatura do Nordwestdeutscher Imker, esplêndida revista de apicultura de Oidenburg.

A Senhorita Elida Focke é a estrêla de primeira grandeza, no conhecimento de análises de pólen.

Fraulein Elida Focke, meinen verbindichsten dank für alles gute und lehreiche was ich von Ihnen erhielt, Gott schenke Ihnen ruhe und frieden, und möge Ihnen alles doppelt rückerstatten wan Sie gutes zum wolhe, unserer Bienenzucht durch schriftliche lehre beigetragen haben, meinen Herzlichen dank.

Bruno Schirmer

Convocação

Convocamos todos os sócios de Associação Santamariense de Apicultura para uma reunião de Assembléia Geral a realizar-se na quarta-feira dia 18 de Agosto corrente, na Séde Social, gentilmente cedida pelo pelo Diretor Proprietário de «A Colméia», em suas dependências.

Para as reuniões semanais, futuras tôdas as quartas-feiras, para tratar dos assuntos de apicultura em geral.

A DIRETORIA

Rua Duque de Caxias, 1295 — Fundos

Quem é o Proprietário e Diretor de "A Colméia" ?

(Conclusão da última Página)

- 16 - Biene und Bienenzucht — Büdel Herold;
- 17 - Der Bau der Biene — Prof. Dr. Enoch Zander;
- 18 - Heilwert des Deutschen Honigs — Prof. Dr. Med. E. Koch;
- 19 - Das Wachsbuch — Fr. T. H. Otto;
- 20 - Neuheitliche Weiselzucht — A. Ludwig — K. Maiër;
- 21 - Auf der suche nach den Besten Bienenstämmen — Brother Adam;
- 22 - Das Imker A. B. C. Lexikon der Bienenzucht — Rudolph Jacoby;
- 23 - Praktische Bienenzucht — Wilhelm Oetting;
- 24 - Nordwestdeutscher Imkerkalender;
- 25 - Süddeutscher Imkerkalender
- 26 - Allerlei aus Wachs — Marianne Sommer;
- 27 - Bienenfibel — Karl von Frisch;
- 28 - Küche mit Honig — Chris Stadlaender;
- 29 - Kleine Bienenkunde — Roland Jordan;
- 30 - Königreich im Bienenkorb Harald Doering;
- 31 - Coletânea Perspectivas econômicas da Criação de Abelhas — Coriolano F. Caldes Filho;
- 32 - O valor alimentar do mel e sua Aplicação na Terapêutica Infantil — Dr. Alfredo de Araujo Serrão;
- 33 - L'Apiculture Intensive et L'Elevage des Reines — A. Perret-Maisonneuve;
- 34 - El Mundo de las Abejas — I. Jalifman;
- 35 - La Abeja y la Colmena — Dadant-Langströth;
- 36 - A.B.C. y X.Y.Z. de la Apicultura — A. I. Root — Junio de 1960;
- 37 - Bücher des Archiv für Bienenkunde — coleção completa, 20 vol.; Armbruster;
- 38 - Die Bienenzucht im Spiegel der wissenschaft und Praxis — Coletânea;
- 39 - Nordwedeutscher Imker — Coletânea, 5 anos, 60 números;
- 40 - Revista Allgemeine Deutsche Imker Zeitung — Assinatura encardernada, 5 anos, 60 números;
- 41 - Anais XXI Congresso Apícola Internacional, University of Maryland;
- 42 - Incubadoras y Criadoras — Luis Alejandro Oliveira;
- 43 - Normas Práticas para o

- Apicultor — Arthur Schenk — Frederico Bavaresco;
- 44 - Apicultura -- Manoel Bernardo de Barros;
- 45 - Abejas y Colmenares;
- 46 - Le Ape Regina;
- 47 - 25 cadernos com anotações próprias, desde 1940;
- 48 - Uma coleção de Sonderdruck aus Zeitschrift für Bienenforschung;
- 49 - Uma coleção de Sonderdruck aus Der Imkerfreund;
- 50 - Dienstanweisung für Bienenachveständige;
- 51 - Sonderabdruck; für Schädlings Kunde;
- 52 - Sonderdruck aus dem Deutschen Pflanzenschutzdienstes;
- 53 - Muitos trabalhos avulsos de diversos professores de apicultura;
- 54 - 50 análises de mel e pólen brasileiro do Instituto de Pesquisas apícolas do Niedersächsisches Landes Institut für Bienenkunde.

A bibliografia que se trata no presente caso não foram obras somente consultadas, são obras escolhidas entre centenas. São obras estudadas, como leitura de estudo quasi diário das maravilhas nelas contidas.

Deixei de adquirir o livro de Karl von Frisch, "Die Transprache de Biene", porque se trata de uma obra de tão alto padrão de cultura, fóra do alcance de muitos. Consultei-o um dia inteiro, lendo muitos capítulos.

Minha biblioteca apícola, são obras escolhidas por mim mesmo, dentro de enorme biblioteca, evitando repetições.

Estou em constante contato com os professôres de apicultura, cientistas e pesquisadores de apicultura de todo o mundo, recebendo constantemente tudo que de novo se descobre em apicultura.

Amigo pessoal e respeitado por mais de duas centenas de cientistas de apicultura da Alemanha, Finlândia, Noruega, França, Bélgica Holanda, Dinamarca, Austria, Iugoslávia, Suíça, Marrocos, Irã e Portugal.

Fôra dos meus amigos particulares apicultores, alemães, austriacos, Suíças espanhóis, italianos, americanos, israelenses, turcos, poloneses, suecos, canadenses e muitos da América Latina e dos primeiros países acima citados.

Sou autor do livro "Apicultura para Escolas Primarias" que

está em revisão, brevemente no prélo e do livro "Colméias, que está em revisão.

Continuo dando meus préstimos ao povo de minha pátria que eu prezo, para quem precisamos ensinar evoluir-se pelo seu próprio esforço.

Dos inventos acima mencionados, assim como da bibliografia, a pedido de alguns assinantes, poderei trazer nos próximos números explicações detalhadas e resumo da bibliografia, em continuaçãoções.

Já dei o que pude, darei o que posso pela apicultura, até que num dia ou numa noite tudo finalize.

Aqui me apresentei e ofereço meus préstimos, à quem precisar.

Desculpem meus amigos e patricios brasileiro se foram omitidos, porque todos vocês estão no meu coração.

Nota importante: A colaboração constroi e a oposição destroi.

Se tivermos um bom chefe, daremos todo o nosso esforço, colaborando, isto é em todos assuntos administrativos, com o tambem em apicultura que é de muita importância, onde a colaboração constroi.

BRUNO SCHIRMER

A cêra da abelha africana

As abelhas da espécie *Apis, segregam a cêra, proveniente da far-ta alimentação, através de glândulas cerígenas, situadas debaixo do abdômnem, em quantidade de 8 escamas, limpas, parecidas com parafina. Após mastigada e reforçada com bálsamo de pólen, adquire a côr do pólen, que fornecem o bálsamo.*

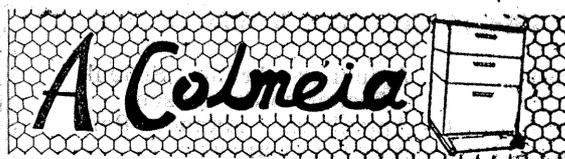
Parece que a abelha africana, trazida pelo Kerr, produz a mesma cêra, porém é uma grande ilusão, a abelha africana produz, na realidade, uma sujeira, em lugar de cêra.

Realmente, tem 50 % da cêra; o resto é uma coisa preta, suja e fedorenta.

Recém encaminhamos uma amostra de cêra de abelhas africanizadas para exame. Tão logo nos seja entregue este resultado juntamente com a análise do mel, o publicaremos.

Como já dissemos em outra parte, a abelha africana incorporou a abelha italiana do Brasil, que os leigos não sabem distinguir da africana. Se uma suposta abelha africana produz uma cêra normal, esta é de uma abelha italiana e não de abelha africana.

QUEM É O PROPRIETÁRIO E DIRETOR DE "A COLMÉIA"?



APRESENTAÇÃO



Bruno Schirmer, brasileiro, com 66 anos de idade, 35 anos ininterruptos de estudos e dedicação à apicultura brasileira, apaixonadamente e sem interesses pessoais

- 1 - Autor da colméia Schirmer
- 2 - Autor da colméia Schirmer Temperada Industrial;
- 3 - Autor da colméia Schirmer Tropical, doméstica, quente e fria.
- 4 - Autor dos respectivos núcleos do transportes e para criação;
- 5 - Autor da centrífuga radial de 16 caixilhos;
- 6 - Autor da centrífuga radial universal de 12 caixilhos, «doméstica»;
- 7 - Autor da centrífuga radial universal industrial motorizada para 48 caixilhos;
- 8 - Autor de um núcleo de criação, fecundação, para distribuição e conservação de rainhas em escala comercial, para uso com a

- 9 - incubadora elétrica Trainini;
- 10 - Descobridor do fundo de fumigador, usado e fabricado em todo o continente americano;
- 11 - Autor da abolição da tela excludora;
- 12 - Autor do soldador de lâmina de cêra;
- 13 - Aperfeiçoador de um soldador americano;
- 14 - Autor da tampa excludora externa, para colheita de mel;
- 15 - Autor da tampa excludora interna;
- 16 - Aperfeiçoador de «incluidor», para fins de transporte, de um método europeu;
- 17 - Autor de prensa para pre-

- 17 - gar caixilhos. Autor de prensa para pregar tampas;
- 18 - Autor de aparelho para pregar fundos;
- 19 - Autor de aparelho para pregar colméias;
- 20 - Autor de uma máquina universal para confecção de colméias e para marcenária;
- 21 - Autor da ventilação de colméias de 15 mm, que serve para a mamadeira Schirmer.
- 22 - Autor de uma gaiola para transporte e enxerto de rainhas;
- 23 - Autor da tela para centrifugação, adaptável na centrífuga radial e facial;
- 24 - Fundador da Confederação Brasileira de Apicultura e 1º. Representante Brasileiro na Apimondia;
- 25 - Autor de dois calibradores fixos para fabricação de colméias;

BASE DA BIBLIOGRAFIA

- 1 - O Apicultor Brasileiro — Emilio Schenk;
- 2 - Cartilha do Apicultor — D. Amaro van Emelen;
- 3 - Ratgeber für Bienenzüchter — August Ludwig;
- 4 - Moderne erfolgreiche Bienenzucht — H. J. Rautenberg;
- 5 - Imkerpraxis — 584 pg. — Guido Sklenar;
- 6 - Die Besté Biene — Prof. Dr. Gottfried Götze;
- 7 - Leitfaden der Bienenzucht — Prof. Dr. Gottfried Götze;
- 8 - A vida das Abelhas — Mauricio Meterling;
- 9 - Am Bienenstand Prof. August Ludwig;
- 10 - Der Weg zur Besten Honig Biene — Hans Peschetz;
- 11 - Der Carnica Imker — Dr. Erwin Müller;
- 12 - Die Zucht der Biene — Prof. Dr. Enoch Zander;
- 13 - Das Leben der Biene — Zander-Weiss;
- 14 - Die Neue nützlichste Bienenzucht — Ludwig Huber;
- 15 - Aus den leben der Biene — Prof. Dr. Karl von Frisch;

(Continua na 11ª. Página)